

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Povo (Fortaleza) Class.: 07

Data: 23.08.81 Pg.: \_\_\_\_\_

### 190 Índios da Tribo Gavião passam fome e pedem ajuda

"Índios estão com fome. Índios querem comida e até agora ninguém ajudou. O índio quer roupa, calçado, comida. Ainda hoje os índios não comeram nada". O apelo é do índio Thomaz, integrante do grupo de silvícolas da Tribo Gavião, do Maranhão, recém chegado a Fortaleza, à procura de ajuda da parte das autoridades e do povo em geral. Os índios pretendiam ir até Brasília falar com o presidente da Funai.

São mais de 20 representantes de sua tribo, entre adultos e crianças alojados embaixo de umas árvores, sem nenhuma cobertura que os proteja do sol e do sereno, no Beco da Hospedaria, proximidades da sede da Campanha Nacional de Alimentação Escolar. Eles saíram do Maranhão a fim de encontrarem ajuda em outros Estados, mas até hoje nada conseguiram. Mas estão decididos a irem até Brasília falar com o presidente da Funai.

"Chegou a hora de eu me entender com os homens, de falar com o presidente da Funai. Eu já sofri muito, trabalhei como escravo e não recebi o dinheiro todo. Meu trabalho ficou lá no Pará. Branco paga só a metade do trabalho do índio", desabafou Thomaz, já cansado de ser expulso de suas terras, mas com muita disposição, embora com fome, de lutar pelo seu povo.

#### FOGRAMA FOME

Os componentes do pequeno grupo da Tribo Gavião, segundo Thomaz, todos, sem exceção, estão numa situação muito ruim, passando muita fome, sem ter terra e sendo explorados no trabalho. Chegaram a Fortaleza há uns três dias e aqui pretendem permanecer



Thomaz: Chegou a vez dos entendimentos com os homens

ainda por mais uns cinco dias. "Nossá vida é assim mesmo, andando por aí. Eu não gosto muito não", contou, num português muito arrastado, a índia Margarida, mãe de duas crianças. Ela não quis se deixar fotografar.

Não só Margarida, mas todo o grupo é avesso a fotografias e à imprensa. Eles alegam que estão precisando é de comida e de roupa e que, até anteontem, quinta-feira, ninguém havia procurado os índios para dar-lhes qualquer ajuda. Quando a reportagem do O POVO chegou ao local, os índios estavam arroteados de uma pequena multidão de curiosos.

Mesmo sem gostar de ser fotografado, Thomaz permitiu, depois de muita insistência, que o fotógrafo do O POVO tirasse alguns instantâneos. Mas só porque estava precisando de ajuda e quer que as autoridades e o povo tomem conhecimento da situação deles, e, assim, tomem uma providência. "Meu povo quer ajuda de Fortaleza. Meu caso é procurar auxílio para os meus", repetiu Thomaz.

#### ESPERAM AJUDA

Embora estivessem com fome, as crianças não reclamavam, nem choramingavam. Algumas

de colo, "andavam" de um lado para o outro, no quadril da mãe, suja e com roupas esfarrapadas. Mas Thomaz falou pelo seu povo, já que Miguel, o líder do grupo, estava desde muito cedo da manhã procurando ajuda, na rua.

No momento em que a reportagem conversava com Thomaz, chega uma índia com seu filho no quadril, e muito furiosa, xingando algo ou alguém em sua língua. Saiu batendo nos que aparecessem à sua frente. Nem mesmo os repórteres escaparam. Thomaz tentou acalmá-la e desculpou-se. "É que os meninos tiraram a bolsa e uns colares que ela fez e agora ela ficou assim. Mas vocês não liguem não", pediu o índio.

Antes que a reportagem deixasse o local onde os índios estão alojados. Thomaz e a índia Maria perguntaram aos repórteres se nós não íamos deixar alguma coisa, qualquer dinheiro para que eles pudessem comprar farinha ou outra comida.

"A comida que apareceu hoje por aqui foi só quatro peixes. E o que é isso para um bando de gente? Os índios vão esperar a ajuda do povo de Fortaleza", disse, confiante, o Thomaz.